

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

# Ficções de um pesquisador no Jequitinhonha: Quando uma mulher de barro se confunde com uma moringa de carne e

## OSSOS

Rafael Machado, Carolina Tamayo

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.15001>

Submetido em: 2026-01-31

Postado em: 2026-02-05 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

## FICÇÕES DE UM PESQUISAR NO JEQUITINHONHA: QUANDO UMA MULHER DE BARRO SE CONFUNDE COM UMA MORINGA DE CARNE E OSSOS

**RAFAEL ANTUNES MACHADO**<sup>1</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-0216-3387>  
<rafantunesmachado@gmail.com>

**CAROLINA TAMAYO**<sup>2</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8478-7845>  
<[carolina.tamayo36@gmail.com](mailto:carolina.tamayo36@gmail.com)>

<sup>1</sup> Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais - FaE/UFMG. Belo Horizonte, Minas Gerais (MG), Brasil.

<sup>2</sup> Universidade de Campinas - UNICAMP. Campinas, São Paulo (SP), Brasil.

**RESUMO:** Este artigo é um exercício da potência da escrita ficcional para investigações na/da Educação Matemática em uma pesquisa de doutorado em andamento na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. A pesquisa é desenvolvida juntamente com artesãos do barro das comunidades de Campo Buriti e Campo Alegre, Turmalina, Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. Movimenta-nos saber como essas artesãos do barro nos permitem a problematização de um currículo escolar (in)disciplinar (de matemáticas) que seja afetado pelas práticas socioculturais, pelas inconstâncias da natureza e pelos jogos corporais dos personagens em cada cena. Nesse sentido, um *corpoterrítóriomulher* emerge enquanto categoria de resistência política, de gênero, de espaço e contribui, também, para pensarmos em currículos escolares [de matemáticas] mobilizados por figuras subalternizadas e que colocam em xeque os modos eurocentrados e colonialistas da produção do conhecimento. Teórico-metodologicamente, assume-se a postura do segundo Wittgenstein em diálogo com Jaques Derrida para trabalhar nos limites de um currículo artesão. Em forma de diário, a partir de imersão em campo em abril de 2024, as discussões apoiam-se na conduta dos pesquisadores/professores ancorados pelas práticas socioculturais para quebrar os limites entre o dentro e o fora da escola, inventar um currículo escolar (de matemáticas) que não seja comum a qualquer humano, mas particular a cada contexto. Não há, assim, prescrições de métodos curriculares, todavia oportunidades para fugas de grades que uniformizam e ignoram pluralidades.

**Palavras-chave:** currículos (in)disciplinares, artesanato, educação matemática, desconstrucionismo, jogos de linguagem.

### FICTIONS FROM A RESEARCHER IN THE JEQUITINHONHA: WHEN A WOMAN OF CLAY IS CONFUSED WITH A POT OF FLESH AND BONES

**Abstract:** This article is an exercise in the power of fictional writing for investigations in/of Mathematics Education within an ongoing doctoral research project at the Faculty of Education of the Federal University of Minas Gerais. The research is being developed in collaboration with clay artisans from the communities of Campo Buriti and Campo Alegre, Turmalina, Jequitinhonha Valley, Minas Gerais. We are driven by the desire to understand how these clay artisans allow us to problematize a (non-)disciplinary [mathematics] school curriculum that is affected by sociocultural practices, the inconstancies of nature, and the bodily games of the characters in each scene. In this sense, a woman-body-territory emerges as a category of political, gender, and spatial resistance, and also contributes to our thinking about [mathematics] school curricula mobilized by subalternized

figures that challenge Eurocentric and colonialist modes of knowledge production. Theoretically and methodologically, this study adopts the stance of the later Wittgenstein in dialogue with Jacques Derrida to explore the limits of an artisan curriculum. In diary form, based on fieldwork conducted in April 2024, the discussions are supported by the conduct of researchers/teachers anchored in sociocultural practices to break down the boundaries between inside and outside the school, inventing a [mathematics] curriculum that is not common to all humans, but particular to each context. Thus, there are no prescriptions for curricular methods, but rather opportunities to escape rigid frameworks that ignore pluralities.

**Keywords:** (in)disciplinary curricula, craftswomanship, mathematics education, deconstructionism, language games.

## FICCIONES DE UN INVESTIGAR EN EL JEQUITINHONHA: CUANDO UNA MUJER DE BARRO SE CONFUNDE CON UNA OLLA DE CARNE Y HUESO

**RESUMEN:** Este artículo es un ejercicio sobre el poder de la escritura de ficción para investigaciones en/de la Educación Matemática, dentro de un proyecto de investigación doctoral en curso en la Facultad de Educación de la Universidad Federal de Minas Gerais. La investigación se desarrolla en colaboración con artesanos de arcilla de las comunidades de Campo Buriti y Campo Alegre, Turmalina, Valle del Jequitinhonha, Minas Gerais. Nos impulsa el deseo de comprender cómo estos artesanos de arcilla nos permiten problematizar un currículo escolar (no)disciplinario [de matemáticas] afectado por las prácticas socioculturales, las inconsistencias de la naturaleza y los juegos corporales de los personajes en cada escena. En este sentido, una mujer-cuerpo-territorio emerge como una categoría de resistencia política, de género y espacial, y también contribuye a nuestra reflexión sobre los currículos escolares [de matemáticas] movilizadas por figuras subalternas que desafían los modos eurocéntricos y colonialistas de producción de conocimiento. Teórica y metodológicamente, este estudio adopta la postura del último Wittgenstein en diálogo con Jacques Derrida para explorar los límites de un currículo artesanal. En formato de diario, basado en el trabajo de campo realizado en abril de 2024, las discusiones se sustentan en la conducta de investigadores/docentes anclados en prácticas socioculturales para derribar las fronteras entre el interior y el exterior de la escuela, inventando un currículo [matemático] que no es común a todos los seres humanos, sino particular a cada contexto. Por lo tanto, no existen prescripciones para los métodos curriculares, sino oportunidades para escapar de marcos rígidos que ignoran las pluralidades.

**Palabras clave:** currículos (in)disciplinarios, artesanía, educación matemática, deconstruccionismo, juegos de lenguaje.

### ADVERTÊNCIA: UMA ESCRITA FICCIONAL POR VIR<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Para preservar a escrita em forma de diário, trataremos parte das discussões teóricas ao logo de notas de rodapé como uma estratégia metodológica para a produção de uma escrita narrativa e ficcional de forma coerente e adequada aos referenciais teórico-metodológicos. Apesar do texto ser discorrido na forma de diário, com sequenciamento linear de eventos, assumimos o *tempo* enquanto dimensão espiralar. Nesse sentido, as ações não se sucedem em métrica cartesiana, mas se acomodam em uma espiral de modo que os acesso a eventos progressos é facilmente concebido. Ainda, assumimos que a dimensão *tempo* é gêmea da dimensão *espaço* (Haesbaert, 2021) e, por isso, indissociáveis. Em uma lógica eurocêntrica, a primazia do tempo pelo espaço é desestruturada, para, então, segundo olhares decoloniais, entendermos que qualquer análise desconectada é impossível. Vale ressaltar que este artigo é um extenso das discussões apresentadas na comunicação intitulada “*Ficções de um pesquisar no Vale do Jequitinhonha: quando uma mulher de barro se confunde com uma moringa de carne e ossos*” no 6º Fórum Nacional de Currículos de Matemática, sediado na Universidade Estadual de Montes Claros/UNIMONTES. A comunicação está disponível em: <https://www.sbemrasil.org.br/eventos/index.php/fncm/article/view/792/485>.

Caras leitores, caros leitores, apresentamos, aqui, uma escrita que borra os limites entre o ficcional e o realista. Convidamos para a empreitada Jacques Derrida, um dos filósofos que mais se debruça sobre a oposição “real” vs. “ficção” na escritura, não no sentido de assumir uma posição "realista" ou "ficcionalista", mas sim para desconstruir tal oposição mediante um movimento desconstrucionista como o lugar de dizer tudo.

A desconstrução é um processo geral da própria cultura ocidental e mundial, e tem a ver com a possibilidade do advento do outro e da diferença no discurso metafísico, o qual gostaria de se dar como uno e idêntico a si mesmo. Nesse sentido, ela diz respeito a recalques históricos que resultam no etnocentrismo da cultura europeia (...). (Nascimento, p.23-24, 2004)

Assim, permitimo-nos uma escrita ficcional, movimento de um pesquisar do *como se*, um pesquisar do *nem – nem*, um pesquisar como possibilidade do impossível, ou melhor, como movimento do indecível. Debruçamo-nos sobre os indecíveis – *nem-nem* – como estratégia de desmantelamento de polarizações que se fazem ao longo da pesquisa de campo. Não tratamos de contrapontos, mas de extensões e ofuscamentos de bordas presentes no pesquisar. A nossa opção, então, não é a defesa de algum *lado* como em uma batalha, mas a compreensão dos movimentos de *vida* manifestados pela e com a linguagem.

Assumidos essa estratégia, dentre outras coisas, como um exercício que desnatura toda possibilidade da manutenção de discursos academicistas sobre o pesquisar em Educação Matemática. Tal discurso, na sua pretensão de responder às exigências de veracidade postas pelas metodologias de pesquisa prescritivas da academia, deslegitimam discursos que não pretendem reproduzir essa postura e, por isso, são chamados de ficcionais ou relativistas. Um grito inSURgente.

Escrevemos *como se* fizessemos literatura, *como se* [não] estivéssemos envolvidos num pesquisar historiográfico, *como se* fizessemos filosofia, *como se* não fizessemos literatura, *como se* não fizessemos filosofia.... *como se* fosse [não] Educação Matemática.

Este artigo é um exercício pela afirmação da potência da escrita ficcional para pesquisas na/da Educação Matemática que se propõe tensionar as estruturas dadas como verdadeiras. Apresentaremos, assim, os *rastr*os de uma pesquisa de doutorado em desenvolvimento na Universidade Federal de Minas Gerais no programa Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação<sup>4</sup>.

Para Derrida, “o rastro é por definição finito, delével, embora tudo se faça para que sua inscrição dure, permaneça, resista. A resistência do rastro é o índice mesmo de sua resistência.” (Nascimento, 2004, p.27.) A realidade, então, é o próprio *rastr*o, isto é “a marca de uma inscrição ‘arcaica’ (sob rasura) que não se deixa mais apreender na oposição presença/ausência, mas a precede como meio indecível.” (Nascimento, 2004, p.27)

Este texto por objetivo enveredar-se pelos caminhos do cerrado juntamente a algumas artesãs do barro do Vale do Jequitinhonha para, então, refletir sobre os efeitos que elas e suas práticas artísticas provocam em nós pesquisadores/professores da Educação [Matemática]. Mobilizados pelas performances das mulheres, movimentos que se fazem na constituição de um corpo feminino mesclado ao território, um *corp*oterrítório, *nem* bioma, *nem* mulher, que produz novas formas de comunicar ciência longe de essencialismos, mas com olhares voltados ao chão da prática. *Corp*oterrítóriomulher enquanto insígnia de resistências, de negações e, também, de reivindicações a

<sup>4</sup> Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Minas Gerais com Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) sob código 71628123.6.0000.5149.

partir de um lugar próprio. O que esses corpos, *humanosnembumanos*, nos sugerem enquanto mobilizadores de práticas não escolarizadas em diálogo com a (im)possibilidade de currículos que partem de problematizações (in)disciplinares em Educação [Matemática]?

Por indisciplinar, aqui, adotamos a perspectiva de Miguel, Vilela e Moura (2012, p.3) que

Intenciona abrir a escola aos diferentes campos de atividade humana: não para preparar as pessoas para o trabalho que se realiza nesses diferentes contextos de atividade - mesmo porque, isso seria impraticável para o tipo de escola concebida como "desvio", tal como ela se constitui na contemporaneidade -, mas para prepará-las para problematizar essas diferentes formas humanas de vida com base em uma ética política que se oriente para a promoção e reforço de práticas de democratização social, política e econômica de todas essas formas de vida. E problematizar, aqui, significa discutir, questionar e avaliar todos os tipos de relações assimétricas de poder que se instauram em quaisquer comunidades humanas.

Uma escrita desconstrucionista é parte do enredo e nos diz como torcer hermetismos prescritos em um modelo de pesquisa herdado dos padrões colonial e centralizador. Para esta escrita, o que pretendemos é, aliada à escrita desconstrucionista, a observação de fenômenos segundo um panorama, em que nos distanciamos das ações para que as observemos como um todo, em uma rede que desnaturalizada significados e tece interconexões horizontais. Como se estivéssemos de fora, mas estando dentro a todo momento.

## NEM PRESENCAS, NEM AUSÊNCIAS: FICÇÕES DE UM PESQUISAR NO JEQUITINHONHA

**Belo Horizonte, 13 de abril, sábado, tarde**

Não estou animado pra ir a campo. É muito longe, é dispendioso, a gasolina tá cara, Carol não vai e eu ficarei em uma casa sem muita liberdade, com um pessoal que pouco vi na vida. A grana tá curta, tô pagando gente pra me substituir nas escolas por uma semana e nem sei se a linha de pesquisa vai conseguir me reembolsar. Aliás, tenho me questionado severas vezes sobre o meu desenrolar neste doutorado: às vezes sinto que vai, às vezes sinto que não vai e, em boa parte das vezes, sinto que *nem* vai *nem* foi, *nem* ficou, *nem* chegou. Nem para escrever um diário tenho sossego porque vem a Carol na minha cabeça: “Olha o *nem-nem*<sup>5</sup> do Derrida, já começou a ler?”. Sai, Carol, deixa eu sozinho aqui um pouco.

Tem horas que sinto que esgotei todo o campo durante o mestrado. Não é que eu tenha esgotado todo o campo, longe disso. Entretanto, sinto que algumas fissuras de lá me convidam a passear por aqueles territórios, mais uma vez. Ver aquelas pessoas e, finalmente, manusear o barro. Não toquei nele em 2020. Nadica de nada. Sutilmente, lembro-me que, no processo de pesquisar, havia envolvida uma certa angústia. Mas, o que a ciência tem a ver com a angústia? Nada ou muito? A angústia parece me tirar das certezas tranquilizadoras, da imobilidade fundadora. Creio que essa angústia nasce da minha implicação – em estar implicado com,

---

<sup>5</sup> “Os indecíveis, em Derrida, são noções que, a partir de noções diversas, falam, ou melhor, traduzem a lógica paradoxal em que se move o pensamento da desconstrução. Mais especificamente, trata-se de noções que, pondo em questão o ideal da presença, portam a marca de uma exposição à alteridade que sempre escapa ao jogo restritivo da relação presença/ausência, jogo este que, na metafísica, oferece toda a possibilidade de conceituação. Os indecíveis não são, portanto, *nem* palavras *nem* conceitos, mas sim o que Derrida chama de quase-conceitos, já que não obedecem à lógica opositiva dos universais, na medida em que se voltam para uma alteridade radical, sem pólo de oposição. Eles são, em outras palavras, a “condição de possibilidade” se assim podemos dizer – com a devida atenção para as aspas –, do surgimento da polarização.” (Continentino, 2018, p.60). Debruçamos sobre os indecíveis – *nem-nem* – como estratégia de dismantelamento de polarizações que se fazem ao longa da observação de campo. Não tratamos de contrapontos, mas de extensões e ofuscamentos de bordas presentes no pesquisar. A nossa opção, então, não é a defesa de algum lado como em uma batalha, mas a compreensão dos movimentos de vida manifestados pela e com a linguagem.

comprometido com, atrelado com, não *de birra com* – no jogo desta pesquisa, também pelo “medo de ser apanhado no jogo, de ser como ser logo de início no jogo” (Derrida, 2002, p. 231).

Vou ao shopping comprar um pijama decente. Não rola de ficar na casa de outras pessoas dormindo de samba-canção e camisa manchada de água sanitária.

### **Turmalina, 14 de abril, domingo, noite**

Saí de BH por volta de cinco da manhã e cheguei em Turmalina antes do meio dia. Parei na estrada uma vez para abastecer e para fazer um xixi. Tenho uma mania meio caótica de ficar observando os postos de gasolina das paradas, especialmente os banheiros. Neste, depois de Curvelo, o restaurante era até arrumadinho, mas o banheiro... Escrevo isso não para criticar o senso estético do dono do posto, mas para exercitar o potencial descritivo da cena. Sei que, em Campo Buriti, junto das artesãs do barro, terei que ser capaz de descrever, inclusive, os cheiros que me rondam. Descrever não é a palavra completa, mas terei que ser capaz de produzir em palavras e convencer por meio delas as cenas que me rondam, fazer com que aquele panorama<sup>6</sup> seja percebido por aquelas e aqueles que lerão minha tese ou qualquer coisa que, porventura, a escrita me permita a partir dali. Carol na minha cabeça mais uma vez: “*Será que é escrita mesmo? Ou seria a escritura?*”<sup>7</sup> *Como você me convenceria?*” Achei que ela não estaria nesta viagem.

Na estrada para Turmalina, depois do posto de Curvelo, mas não sei em que altura do trajeto – sou péssimo deste tipo de localização, não fosse o GPS, eu não sairia do lugar –, comecei a sentir um cheiro de pasto, de chuva e de curral. Um cheiro *de verde*, um cheiro bom, que me remetia a qualquer lugar, menos a BH. O cheiro me acompanhou por um bom tempo, mas eu não consegui perceber de onde ele vinha. Olhei para os lados, campo aberto, vegetação rasteira beijada por um céu claro e com nuvens *brancoazuladas*, pastos, mas sem animais. Parecia um cheiro de liberdade, de coisa boa, de domingo sem ter que fazer prova ou ler artigo. Minha liberdade tinha cheiro de bosta de vaca. Eu estava tão vidrado no cheiro e atraído pelas sensações que aqueles movimentos me traziam que não me dei conta que o cheiro vinha de um caminhãozinho à frente transportando, amontoados, alguns bois e vacas.

O cheiro da minha liberdade me levou de volta a BH. Aquele cheiro do caminhãozinho me remeteu para uma quarta feira ordinária – de ordem, não de caráter – em que chego por volta das sete da manhã e estaciono meu carro em uma rua próxima à escola em que trabalho. Parte da calçada que conduz à escola é esburacada, cheia de lixo, com passeio perdendo pedaços e com fezes humanas. Tenso: cocô de gente, mesmo. O cheiro e a visão, desagradabilíssimos, compõem o caminho de tijolos dourados que eu percorro todas as manhãs, de segunda a sexta, para trabalhar.

<sup>6</sup> “Numa apresentação panorâmica, cujo fim é persuadir e não determinar o verdadeiro e o falso, vale também como recurso terapêutico não somente a iluminação das conexões normais da gramática, mas também a invenção de interligações. Libera-se o campo de atuação do método quando o autor concebe uma atividade filosófica eminentemente negativa: não descobrir nada de novo, nem criar novas teorias, mas deixar tudo como está (Wittgenstein, IF § 124).” Ao nos atentarmos ao panorama que as cenas nos proporcionam, percebemos a atuação interligada de diferentes atores da pesquisa. Fenômenos não ocorrem isoladamente, temporal e espacialmente, e que seus agentes constituem uma grande cena multifacetada. Nesse sentido, na perspectiva wittgensteiniana, assumimos que “Todo signo sozinho parece morto. No uso, ele vive.” (Wittgenstein, IF - §432). Na alteridade, os signos manifestam-se segundo as ações encenadas.

<sup>7</sup> Ao trazer a questão da escrita e da escritura é necessário enfatizarmos que “o que se marca, assim, é o valor da escrita como simples representação da fala, esta sim capaz de produzir o verdadeiro conhecimento como função da memória autêntica” (Nascimento, 2004, p.15). Por natureza, a escrita é dúplice, pois ela atua como uma *mimesis*, ou seja, uma representação, um fingimento ou uma cópia do discurso vivo, um desdobramento ou, pior, uma multiplicação da memória relacionada à presença do pai. Por essência, ela é má, perversa, destrutiva da memória entregue aos poderes da rememoração artificial, à potência do falso.” (Nascimento, 2004, p.17) A escritura, aqui, registra-se enquanto sistema mais amplo de marcas e elementos que compõem a linguagem. A escritura pode ser vista enquanto um conjunto de rastros, nunca fechado, mas sempre interativo e em constante remissão a outros sistemas.

Comecei a ressignificar meu campo a partir desse contraponto: sim, eu preferiria o cheiro da liberdade ao cheiro da obrigação.

Almocei, em Turmalina, na casa de parentes, e dormi a tarde toda. Estava exausto. Sete horas de volante, por melhor que sejam a estrada e o carro, cansam. Amanhã cedo parto para Campo Buriti.

### **Turmalina, 15 de abril, estrada para Campo Buriti, segunda-feira, manhã - Diário em áudio enquanto eu dirigia**

Tomei banho, comi algo, peguei minha garrafinha térmica com café e rompi. Saí da casa dos meus tios bem cedinho. Confesso que, apesar do longo tempo dirigindo no dia anterior, eu estava menos preocupado com as horas e mais atento à estrada. Será que, finalmente, esse era o panorama ao qual eu deveria me atentar? Era isso que eu deveria entender como uma sugestão de Wittgenstein? Era isso que eu deveria significar enquanto um processo de pesquisa que busca um vislumbre distanciado das práticas do artesanato em barro para, então, mobilizar os jogos e relações que se fazem por meio de cenas e encenações ali praticados? Seria esse o panorama apresentado pelo cerrado, pelas *mulheres artesãs* e pelas linguagens que se consolidam em tempos e espaços próprios e que se manifestam no uso pelos seus participantes? Meu divã, na terapia wittgensteiniana, era, quem sabe, um volante e um banco de carro que me apresentavam cenas em sucessões, cenas síncronas e assíncronas reavivadas pela minha memória, cenas que se fundiam e se (des)organizavam em teias e fora da centralidade cartesiana, mas, quem sabe, orientadas por uma temporalidade decolonial?

Saí da rodovia que liga Turmalina a Campo Buriti para, então, pegar a estrada de terra e a poeira: era asfalto. A estrada foi todinha pavimentada, toda, toda. Parecia que eu não estava mais ali, eu não me sentia mais naquela região. Problema meu, não sou morador dali e não preciso me sujeitar à poeira e à lama como fazem os habitantes de lá.

Mas eu ainda me sentia estranho.

Os eucaliptos ainda reinavam e, sinceramente, para além das aves, eu não via um bichinho sequer. Deve ter uns roedores pequenos, umas cobras e uns escorpiões, fora isso, não imagino.

Cheguei até a casa da Terezinha, a mesma que havia conversado comigo durante o mestrado. Eu ficarei aqui durante esta semana. Vou parar o áudio aqui porque já estou estacionando e ela e a filha já estão vindo para me receber.

### **Campo Buriti (Turmalina), 15 de abril, segunda-feira, tarde**

Longe de qualquer surpresa, fui recepcionado como a um amigo querido que há muito não se vê. Quanta hospitalidade em um abraço! Como a Terezinha diz, “*Uma alegriagem*”. Conheci sua filha, Giza, tomei café da manhã de novo e ajeitei minhas coisas no quarto que eu ocuparia. Separei minhas “coisas” de pesquisa – documentos do COEP, tripé, gravador – e fui para a oficina com Terezinha e Giza. Quando reservei o receptivo familiar com a moça que esqueci o nome, reservei, também, a oficina de modelagem. Documentos lidos e assinados, permissões de papel concedidas, começamos a conversar. Era pra ser mais informal, não fosse a presença da câmera e do gravador de áudio. Terezinha me apresentou os instrumentos que utilizaríamos, o torrão de terra bruto e o barro já umedecido e pronto para a modelagem. Havia um roteiro de trabalho muito bem percorrido naquela cena. Suspeito que algo já formalizado<sup>8</sup> entre as artesãs, visto que a presença de turistas ali era bem intensa.

---

<sup>8</sup> O artesanato em barro desenvolvido nas comunidades de Campo Buriti e Campo Alegre, Turmalina, Vale do Jequitinhonha, MG, é, além de Patrimônio Imaterial de Minas Gerais (IEPHA, 2018), uma forma de expressão e manutenção da vida e é desenvolvido, prioritariamente, por mulheres. Além de *rastros* da existência das comunidades, a *escritura* em barro representa mudanças nos paradigmas sociais da região, em que, nitidamente, a

Eu estava interessado em, literalmente, colocar a mão no barro. Na minha pretensão, achei que sairia dali um artesão em formação e digno de modelar peças parecidas como as das mestras já consolidadas ali. Mentira, não pensei nisso. Eu estava entregue ao que Terezinha tivesse a compartilhar.

Escolhi que faria uma moringa como primeiro artefato. Audacioso. Terezinha, sábia, foi me mostrando o básico, desde amassar e espalhar o barro a acomodá-lo no molde. Era isso: algo como “siga a mestra”, uma prática social que se passava por meio de uma encenação de um *corpomulher* rico em historicidade. Na tese da Carol ela discorria sobre ence(ensi)nação<sup>9</sup> e, felizmente, eu conseguia perceber a palavra enunciada em ação. Terezinha não pegava em minha mão para fazer junto, como quando se pega na mão de uma criança que está aprendendo a escrever, mas, a todo momento e pacientemente, parava e me mostrava: “É assim, ó”<sup>10</sup>. E fomos. Minhas primeiras peças modeladas foram dois pratinhos diferentes, dois copinhos para a moringa que ainda chegaria, um vasinho que fiz para plantar suculenta e um outro vasinho, tipo uma leiteira sem alça.

Escrevendo agora, fico indagando sobre a presença daquela mulher durante a aula que ela me concedera. Uma aula, uma oficina... Qual seria a diferença? Alguma em posição de superioridade à outra? Onde residiria o significado atrelado às duas práticas? O que se consolidou, entretanto, foi como aquele corpo feminino parecia colocar um pedaço da sua carne em cada movimento que fazia junto ao barro que manipulava. Parecia que a terra que ela misturava feito massa de pão era uma extensão do seu corpo, era como se o barro dançasse, como que corpo e terra fossem coisa só, indissociável. Eu poderia jurar que via o barro se mexendo sozinho. Mas, não. Não havia nada de exótico ali. Nada. Seria Terezinha feita de cerrado ou seria o barro feito de Terezinha, de Giza e, quem sabe, um pouco de Rafael? Devaneios à parte, conheci o marido de Terezinha, as sobrinhas e o neto, filho de Giza. Um entrava, outro saía, e a aulaoficinaaula continuava.

Terezinha me mostrou a base da moringa. Ali eu descobri que o utensílio deveria ser levantado aos poucos e em dias diferentes. Não adiantava ter pressa. Os modos de fazer/saber ali eram outros, vinculados intimamente à natureza do barro, do clima e das pessoas. Barro bom e tempo úmido não fazem moringa firme, ainda que a experiência da artesã seja indiscutível. Isso me diz muito sobre o caminhar em uma pesquisa acadêmica e em práticas curriculares formalizadas por agências de poder.

Paramos de modelar e Terezinha me liberou para dar uma volta pela comunidade enquanto ela finalizava o almoço que já estava adiantado. Colocamos o que fizemos no sol para secar para as próximas etapas.

Rodei um pouquinho e descobri algumas ruas que não havia percebido antes no percurso do mestrado. Nada daquilo me surpreendeu. Nada daquilo era novo. Nada daquilo era exótico. Nada daquilo era excêntrico. Fora do centro. Qual centro? Quem delimitou um centro?

---

mulher é inserida enquanto provedora de renda e líder comunitária e familiar. As barreiras do patriarcado são borradas e as mulheres de Campo Buriti e Campo Alegre expandem, a seu modo e a seu tempo, o corpo feminino enquanto território simbiótico ao cerrado do Jequitinhonha.

<sup>9</sup> Tamayo (2017) em uma performance em que quem encena, ensina, e quem vivencia, aprende e apreende, percebemos ence(ensi)nação como conjunto de práticas corporificadas com objetivos definidos seguindo um conjunto de regras próprio. Tudo, então, presenciado enquanto linguagem. “(...) a linguagem vista como práxis sugere que praticar um jogo de linguagem se assemelha a participar de uma encenação, de uma performance corporal efetiva. O que Wittgenstein está querendo dizer é que sempre praticamos a linguagem com o corpo todo, e não apenas com a vibração culturalmente regrada de sons emitidos por nossas cordas vocais.” (Miguel, 2016, p.372)

<sup>10</sup> “Segundo Derrida, a insistência em trabalhar com os performativos se baseou na consideração da comunicação com um *ato intencional* de discurso acontecendo na *situação total* em que se encontram os interlocutores. (...) Nesses enunciados, em vez de um simples valor descritivo, ao qual se aplicasse a sentença de falso ou verdadeiro, *enunciar é fazer*.” (Nascimento, 2004, p.41). Aqui, a performance encenada por Terezinha não se contenta com um valor meramente descritivo de sua ação de modelagem. A cena, então, é uma representação em que o “É assim, ó” é ação implícita de um *ato intencional de fala*.

Qual ordem dizia que ali não havia excentricidade alguma? Começo a significar que a torção ou o deslocamento do centro se concretiza em cada encontro com a *artescerrado*<sup>11</sup>.

### Campo Buriti (Turmalina), 15 de abril, segunda-feira, noite

Esqueci de mencionar que Terezinha, além de artesã, mãe, avó, tia, esposa, dona de casa, presidenta da associação dos artesãos e *professoraence(ensi)nadora* era, ainda, doceira. Ela tem uma lojinha de doces na frente da sua casa. Parece que o tempo era diferente ali porque, honestamente, não sei como ela dava conta de fazer tudo com destreza exibindo um semblante calmo, os cabelos alinhados e a voz melodiosa. Eu descrevo demais para mim mesmo para não deixar fugir uma gota de memória. Aliás, em vão. Apesar de frescas, fico me perguntando como representar sentimentos e expressões de corpo<sup>12</sup>. Por mais que eu descreva, não sou hábil em enunciar cheiros e sensações que transitam pela pele. Tenho que aceitar a porosidade e transitoriedade de algumas coisas. Uma morte das memórias a partir do momento em que as ações que as motivam acontecem. Uma morte anunciada, assim como um enlutamento que não existe ou que é ininterrupto<sup>13</sup>.

Após meu cochilo, fizemos mais um pouquinho da moringa – Terezinha fazia uma também –, emendando mais fileiras de barro – chamadas de pavio – e conformando até o

<sup>11</sup> Aqui, a decolonialidade como um modo de produção de ciência que provoca inversão nos olhares sobre a prática. Os olhares, então, não somente como um produto da ciência ocidentalizada, mas que se vinculam, diretamente, a quem produz as práticas, em seu meio, com seus pormenores, suas categorias e suas relações sociais horizontalizadas. A decolonialidade, então, para além de uma categoria de análise, mas como ação diretamente ligada ao solo – geográfico e cultural – onde são percebidos os rastros das práticas. Afinal, “Quem ensinou a demarcar foi o homem branco” (Viveiros de Castro, 2020, p.37). A ideia de *corpoterritório* demarca, então, em se tratando do artesanato em barro aqui desempenhado, movimentos de extrapolação da ideia de espaço visto que “essa escala (a do corpo) é essencial para o conhecimento geográfico posto que é a partir desse recorte que o sujeito é colocado no centro da reprodução espacial, na cocriação entre espaço e sociedade” (Oliva, 2022, p.143). As artesãs no sul geográfico, em suas particularidades, “marginalizadas pelo sistema de hierarquias de pensamento racional, as que não são implicadas diretamente pelo sistema moderno-colonial” (Oliva, 2022, p.142) subvertem a ordem e passam a usar as palavras em seu favor. Santos (2023) afirma que a favela adestrou a língua, seria este fenômeno observado aqui? O Vale adestrando a língua do colonizador? O Vale revertendo ordens que eram tidas como imutáveis e intrínsecas à região? *Corpoterritórioartesã* e *corpoterritóriomulher* enquanto marcadores próprios e relativos a lutas específicas de mulheres que se reestriam socialmente. Marcadores que emergem de um contexto histórico de luta pela sobrevivência, enquanto da migração sazonal masculina para grandes centros em busca de emprego. O corpo dessas, então, mulheres na disputa para reconfiguração da alcunha da região. Por muitos anos conhecido como “Vale da Fome e da Pobreza” dado o baixo IDH em consequência da pouca oferta de empregos e a péssima distribuição de renda, as ações das artesãs, prioritariamente, reivindicam um novo espaço. Vale ressaltar que, como afirma Oliva (2022), “a percepção, a reflexão e a constituição de um problema são sempre geo-historicamente situados” (Oliva, 2022, p.141). Nesse sentido, segundo a mesma autora, pensar no Jequitinhonha, agora, como região que viceja, é tarefa desencadeada pelas mulheres que, colocadas em desvantagens múltiplas, saíram em defesa de seus territórios dada a chegada do vetor capitalista.

<sup>12</sup> Cabe-nos, aqui, pormenorizar que a métrica instaurada sobre os processos de pesquisa ainda não dá conta de todas as extensões do corpo como instância atrelada aos territórios. Como medir uma sensação de *alegriage* sem que haja uma captura desleal de espaços e pessoas? Enquanto escrevo, neste instante, uma captura e uma tradução desonesta da cena vivida é operacionalizada. “Para Derrida, a tradução é uma tarefa essencialmente impossível, que se resolve de maneira precária e provisória.” (Nascimento, 2004, p.45). Como, então, não cair nessa armadilha que nos ronda a cada caractere? Uma alternativa, como em todo o texto, é fugir de essencialismos para, então abri-los às (im)possibilidades dos rastros.

<sup>13</sup> ‘O rastro figura sempre uma morte possível, assina a morte.’, assinala diante desta pergunta repetida. Pensar na morte é pensar no que se dá: não na presença – não há vida – sem rastro, nem rastro sem desaparecimento, sem morte. O rastro é precário, vulnerável e mortal, porém, por isso mesmo, excedido com respeito à sua mera presença, em processo de contínua reinterpretação que nunca se encerra em virtude do caráter disseminante da escritura.” (Cragnolini, p.51, 2008). As memórias, então, suscetíveis à *escrita*, imortal e negligente, assumem-se como réguas desleais em um processo que parte de um enunciador que detém o *poder da ação traduzida segundo seu jogo*.

pretendido. “*Vai sentindo o peso. Imagina quando estiver cheia de água. Será que vai ficar pesada?*” Uma aula encenada<sup>14</sup>. Para além da oficina, conversamos sobre a vida antes dali.

Terezinha contou que havia morado em São Paulo, trabalhado por lá, juntamente com seu marido, mas que a batida era outra. Na casa dela em Campo Buriti, senti que as raízes, efetivamente, vingavam e se espalhavam. Não sei se pela receptividade, hospitalidade ou amorosidade com as quais fui recebido, mas havia um sentimento de pertencimento genuíno e de zelo pelo local, para além das paredes de seu terreno. O cuidado se espalhava pelas ruas, becos e casas vizinhas. Confesso que a oficina de modelagem – ou aula de modelagem – tomava um rumo para além do manuseio cadenciado do barro. Era um manuseio sensível, comedido, mas assertivo. Não, não era apenas uma combinação de minerais que estava sendo tateada, mas um jogo de sabedorias, criações, modificações, cruzamentos e interlocuções que se multiplicavam e se expandiam a cada revirada no barro. Terezinha conversava com a sua moringa e comigo simultaneamente e todos dialogavam: a artesã jogava com o apreciador e a artesã jogava com o barro moldado. Moringa como *rastró*, como objeto que tem marcas inseridas em sua composição, que tem as interações geracionais gravadas em cada movimento de mão? Moringa como inanimado, não-humano, mas repleto de insurgências históricas, econômicas e sociais?<sup>15</sup>.

Parei pra escrever esse pouquinho aqui antes de tomar banho e jantar. Vou usar meu pijama novo!

---

<sup>14</sup> Como as artesãs do barro, então, podem nos motivar a problematizar um currículo escolar [de matemática] (in)disciplinar que seja afetado pelas instabilidades das práticas socioculturais, pelas inconstâncias da natureza e pelos jogos corporais praticados pelas atrizes e atores em cada cena de trabalho? Um currículo (in)disciplinar nos permite sermos revolucionários, na medida em ele se configura com base nas práticas socioculturais que se produzem em solos culturais distintos, rompendo com a dualidade fora e dentro da escola. Ao encontrar como fonte principal, para o ensino, práticas socioculturais não escolarizadas o currículo não é mais nem disciplinar nem interdisciplinar, ele deve assumir outras lógicas, as lógicas (in)disciplinares manifestas nas práticas. Ele tensiona as políticas curriculares das políticas públicas, dos ministérios e secretarias, dos gabinetes, ele é resistência ao esmagamento, ao apagamento e a todos e quaisquer mecanismos de controle e subalternização vigentes, que se expressam pela colonialidade do saber. (In)disciplinares ou (in)SURgentes com o uso de parêntese no intuito de que as marcações rígidas centralizadores sejam minimizadas ou borradas. Terezinha *sentia* o barro, ela não precisava de qualquer instrumento de aferição para tal. Ela estava, dessa maneira, conectada à natureza e, no *sentirfazerpensar*, resplandecia a historicidade da cultura artesã, resplandecia o saber. Neste ponto, um tensionamento: currículos escolares de Matemática, como os conhecemos, permitem o *sentirfazerpensar*? Há currículos particulares? Currículos *corpoterritórios*? Um projeto como a Base Nacional Comum Curricular, de amplitude continental em se tratando de Brasil, anuncia, reforça, elucida e problematiza práticas que singularizem as individualidades de cada comunidade em que a Base é aplicada? A mesma BNCC é praticada por uma escola central e por uma escola periférica. Ainda que urbanas, os limites territoriais da cidade se replicam e se reproduzem nas escolas.

<sup>15</sup> “E posso mostrar-me enfim nu ao olhar deste que eles chamam pelo nome de animal? Deveria eu mostrar-me nu quando isso me olha, esse vivente que eles chamam pelo nome comum, geral e singular, de animal? [...] O animal em geral, o que é? O que isso quer dizer? A quem? Quem responde a quem? Quem responde ao nome comum, genérico e singular do que eles chamam assim tranquilamente o “animal”? Quem é que responde?” (Derrida, 2002, p.92).



**Figura 1** - Peças sem acabamento.  
Fonte: fotografia própria (2024).

### **Campo Buriti (Turmalina), 16 de abril, terça-feira, manhã**

Os dias aqui estão bem bonitos, com céu claro, poucas nuvens. Até aqui, nada de diferente. Tomei café da manhã, ajudei na organização da cozinha e Terezinha, ironicamente ao meu conto campestre, convida uma nova personagem para a cena: ela foi picada no lábio inferior por uma abelha. Giza, pra não perder a piada, já estava anunciando em seus grupos de WhatsApp procedimentos estéticos naturais. Felizmente, Terezinha não era alérgica, não se exaltou, tampouco se incomodou em demasia com o incidente. Mas a abelha morreu.

Lembrei-me do aniversário de um amigo, logo quando entrei no doutorado. Um dos convidados afirmava que a Matemática estava em tudo e que todos usavam Matemática, mesmo sem saber que o estavam usando. Não penso assim, não mesmo. As pessoas se comunicam, interagem entre si, modificam o ambiente no seu entorno em diversas escalas com objetivos previamente ordenados. Elas jogam segundo suas próprias regras que não são – ainda que haja similaridades – as mesmas que a ciência urbana e escolarizada categoriza há muito tempo. É isso: um jogo<sup>16</sup>. Só joga bolinha de gude, quem conhece as regras e as compartilha com outros jogadores.

Eu jogo o jogo da Matemática<sup>17</sup> e estou aprendendo a jogar o jogo do artesanato. Eu conheço muito bem as regras do primeiro jogo e estou começando a aprender as do segundo. Eu domino a gramática do primeiro jogo e começo a perceber similaridades com a gramática – ainda incipiente em mim – do segundo jogo<sup>18</sup>. As similaridades, entretanto, em vez de auxiliarem no

<sup>16</sup> “Na práxis do uso da linguagem, um parceiro enuncia as palavras, o outro age de acordo com elas. Chamarei de jogos de linguagem o conjunto da linguagem e das ações com as quais está interligada” (Wittgenstein, IF-§7). Jogos de linguagem, então, referem-se ao conjunto de regras compartilhados por humanos que, em determinado contexto, praticam-nas segundo um propósito orientado.

<sup>17</sup> A diferenciação entre inicial maiúscula e minúscula pode ser exaustiva. A ocidental e europeizada, ainda que predatória, é um jogo. A local e multifacetada também é um jogo. Ambas compartilham categorias de análise – mesmo que operem em esferas e abrangências diferentes –. O contraponto entre ambas é necessário para o debate acadêmico. Seria plausível avançarmos para o debate *nem* em Matemática *nem* em matemática?

<sup>18</sup> Quem sabe, uma tentativa de se desterritorializar um currículo operante disciplinarmente para, então, reterritorializar a sala de aula com currículos indisciplinados que operem elos entre práticas socioculturais e linguagens praticadas por diferentes grupos étnicos, por exemplo. Escrevendo isso, revela-se a importância de

estabelecimento da unificação desses jogos, permitem a sua diferenciação. O movimento, então, não é o identitário, mas o da diferença, o que mantém cada jogo em sua forma de vida, com suas regras e gramáticas autônomas.



**Figura 2** - Moringas secando após acabamento.  
Fonte: fotografia própria (2024).

### **Campo Buriti (Turmalina), 16 de abril, terça-feira, tarde**

As nossas peças secaram ao sol a ponto de darmos acabamento para secarem definitivamente. São algumas sequências que precisam ser seguidas antes de termos a moringa prontinha em mãos. O que achei mais bacana em todo o processo era como minhas mãos conseguiam dimensionar, de certa forma, a tensão a ser aplicada no barro. Na segunda-feira, Terezinha ria de como eu colocava força e espremia o barro para moldá-lo. “*Não precisa. Olha como eu faço.*” Na terça, melhor que na segunda, eu consegui tatear melhor e perceber que não era trabalho bruto a ser feito e que aquela performance que encenávamos – o barro e eu – era mais malemolência do que brutalidade.

Terezinha me mostrou como dar acabamento às peças usando um paninho, um sabugo de milho, um canudinho e um pedaço de palha. Eu resignificava, ao meu uso, objetos que não foram conformados, prioritariamente, para aquele fim. Aliás, na utilização daqueles objetos suas funcionalidades nasceram. No uso e na relação entre os praticantes do jogo, aquela gramática manipulável era, mais uma vez, enunciada e compreendida. Uma *escritura*, então, do jogo do artesanato se instaurava – e materializava –, para mim, naquele momento.

---

construir ou efetivar pequenos levantamentos cotidianos na docência que aumentem o diálogo ou alarguem os poros desse currículo ocidental consolidado. Micropolíticas são urgentes. Vez ou outra, em sala de aula, ocupamo-nos em exemplificar gráficos de funções por meio de trajetória de projéteis, mas nunca aproveitamos a chance de problematizar quantas pessoas morrem por balas perdidas anualmente no Brasil. Um agenciamento nunca é individual. Agenciamentos são coletivos e, por isso, marcados por trajetórias que se encontram e distanciam em diversos pontos. Pensemos em limites que devem ser transpostos. Pensemos em levantamentos cotidianos, inSURgentes e atuemos em micropolíticas locais, consensuais e temporárias.



**Figura 3** – Moringa oleada e pronta para queima  
Fonte: fotografia própria (2024)

Fiquei matutando sobre como a natureza, humana e não humana, permeia todo o meu percurso acadêmico e profissional. Um sabugo de milho, uma palha, uma peninha de galinha, barro, Terezinha, água, fogo. Indissociáveis por mais que qualquer métrica preestabelecida os queiram cindir. Naquela tarde, depois que demos acabamento às peças, fomos tomar café. Na conversa subiu o assunto de abastecimento hídrico na região.

A água ali sempre foi uma questão de intenso debate e cuidado. O avanço da indústria do eucalipto fazia regredir, de forma inversamente proporcional, o acesso aos recursos hídricos: quanto mais eucaliptos, menos água disponível para Campo Buriti. No lanche da tarde, o marido de Terezinha havia mencionado que a limpeza do poço que abastecia a comunidade fora feita e, por isso, a pouca água que chegava, estava turva e com muitos resíduos. Não consegui, por isso, ajudar lavando as louças naquela tarde.

Mas, vejo aqui, que a demanda ultrapassa as louças da casa de Terezinha: na constituição do ser humano, o quão importante é a água? Humanos e não humanos se valem desse recurso em todas as medidas. Para os humanos, para sua inserção enquanto seres naturais dotados de historicidade e engajamento político, a água é direito. A água ali, para além do direito inalienável à vida, é, a meu ver, uma questão de disputa política. E o que está em jogo? O que está sendo disputado? O que se perde? O que se ganha? Nem se perde? Nem se ganha? Nem comunidade? Nem distrito? Onde reside o poder? Aliás, para onde as intenções são dirigidas quando, na balança, para além de instrumento de medida, os pesos não são proporcionais?

### **Campo Buriti (Turmalina), 16 de abril, terça-feira, noite**

Pouco antes do jantar, a sobrinha de Terezinha passou na casa da tia para dar um oi. Criança encantadora! Veio me oferecer os colares que modelava com a ajuda da mãe. Comprei dois: “Fé” e “Paz”. Lindos! Acho que coloquei mais afeição porque eram feitos por uma criança

que se iniciava, enquanto artesã, no jogo do barro. Enquanto não-artesã, a menina já jogava com os adultos há muito tempo!<sup>19</sup> O marido de Terezinha estava organizando a comida e perguntou à menina se ela queria um ovinho deitado ou um ovinho em pé. Ela riu e eu fiquei meio sem entender na hora. Todos riram com leveza e sinceridade.

Traduzindo, não capturando: ovo deitado é um ovo frito e ovo em pé é um ovo cozido. A princípio, só um gracejo compartilhado com a menina por aqueles que a circundam. A fundo, mais que um gracejo. A linguagem, novamente, se instaura e se revela nos pormenores por aqueles que a praticam. E o que isso tem a ver com os movimentos ou reivindicações sociais? No nível da linguagem e da minha articulação, fazer conhecer os jogos de linguagem e sua operacionalização em disputa com a ciência acadêmica centralizadora é meu instrumento, minha máquina de guerra, minha articulação por uma educação matemática que adie o fim do mundo.

### **Campo Buriti (Turmalina), 17 de abril, quarta-feira, tarde**

Tomei café e fui para a minha lida com o barro. Além de Terezinha e Giza, estava sempre acompanhado por um tripé, uma filmadora, um telefone celular e um gravador de áudio. Hoje era dia de olear as peças! Lá no mestrado descobri que a pintura era, na verdade, quando as artesãs oleavam, passavam óleo: um pigmento líquido feito a partir do barro. Cada solo tem sua particularidade e cada solo pode originar uma cor diferente. Tinha até prateado! Fiquei bem impressionado.

Confesso que olear foi o mais significativo pra mim. Eu sabia que o óleo vinha antes da queima e que o calor no forno modificava o pigmento. O que mais me encantou foram “as tintas” em garrafas de refrigerante de todos os tamanhos. Tinha rosa, branco, vermelho, marrom e por aí vai. Não tinha azul nem preto. Para além das cores e da transformação por meio do fogo, cada óleo carregava a marca da sua produtora ou do seu produtor. Não havia o rosa, havia o *rosaTerezinha*, não havia o vermelho, havia o *vermelhoGiza*. Na hora pensei nas fábricas de esmaltes de unha quando colocam nomes nas cores: Serena, Novelesco Escandaloso, Mistura os Modão, Amor Profundo e por aí vai. (Pesquisei esses nomes enquanto escrevia no final da manhã para me deixar algumas pistas pelas quais pretendo seguir)

Para o artesanato, nesta medida, fiquei pensativo sobre a requisição das autorias das práticas ali desenvolvidas. Ali não via deslealdade tampouco apropriações indevidas. O *rosaTerezinha* não era patenteado e vendido às outras artesãs, tampouco eram cobrados direitos sobre a cor. A comunidade – não aquela que difere do distrito – se fazia nas trocas e nas relações internas que se estabeleciam entre as artesãs do barro.

Não havia nada de magia, tampouco extraordinário ou exótico na arte do óleo. Era a experiência que se mostrava pelas trocas entre humanos e não humanos<sup>20</sup>.

<sup>19</sup> Aqui, o *corpoterrítórioartesã* se molda ainda jovem. Parafraseando Simone de Beauvoir (1949) não se nasce *territórioartesã*, se torna *territórioartesã*. Da mesma forma que não se pode parir uma prática curricular baseada em apenas alguns corpos, visto que ela é, por prática, plural.

<sup>20</sup> Produzir o óleo não era alguma manifestação da matemática ocidental. Produzir óleo era materialização de um conjunto de normas e regras conhecidos, entendidos e praticados por um grupo social específico. Se, neste texto, entendemos a matemática segundo um conjunto de regras que possibilitam interpretar e interagir com situações do mundo cotidiano e não cotidiano, *produzir óleo* e *fazer matemática* se aproximam nesses aspectos. Mais ainda, um currículo que opere segundo a temática de cada grupo social se justifica pelos instrumentos corporificados em cada contexto. Currículos plurais que se fazem acontecer junto ao fazer das práticas, cada prática com sua própria técnica e forma de ser aprendida. Currículos que sejam comunitários, que se façam pela e com a comunidade, entrecortados pelas ruas da ciência ocidental, mas nunca fechados em um centro ou em um crucifixo apoteótico. Currículos indisciplines que nos ensinam de muitas matemáticas como métodos e técnicas que permitem múltiplas formas de fazer a vida acontecer. Currículos que se façam por meio do jogo praticado entre toda a comunidade educativa e, sobretudo, suscetíveis a mudanças e adequações de regras dados os diferentes níveis de jogos que podem ser enunciados a partir de uma única situação.

Na pintura, quem me guiou foi Giza. O que Terezinha tinha de observadora, sua filha tinha de comunicadora. Comparada à pintura, a modelagem parece tarefa fácil. Giza me sugeria alguns traços, algumas técnicas com a pena de galinha, ence(ensi)nava algumas posições de mão, mas ali não tinha jeito: a experiência, a técnica, o peso da mão e a coordenação do corpo eram quem ditavam a qualidade dos traços. Quando digo que a coordenação do corpo para além das mãos importava é porque não se pinta, apenas, com as mãos. A pintura é feita com os olhos que leem os espaços e fazem imprimir os tamanhos de cada traçada, com os lábios que umedecem a pena, com as pernas que apoiam a peça a ser colorida, com os pulmões que suavizam a respiração a cada etapa, com os ouvidos que se atentam à campainha da loja de doces ou às panelas no fogo e que escutam Terezinha falando: “*Se tá silêncio é porque tem gente pintando!*”. A pintura, assim como todas as outras etapas, um jogo de corpo todo.

Eu estava no jogo.

Giza me perguntou se eu não iria assinar minhas peças e, assertivamente, o fiz. **AMAR**, ou **Rafael Antunes MAchado** ao revés. Ali estava a minha torção, o que não se esconde, nem se revela, nem certo, nem talvez. O sendo.

Na queima, não havia método ou qualquer instrumento de previsibilidade. Os instrumentos eram os corpos, sem surpresas. Era aguardar a interação com o último elemento natural não humano: o fogo. Fogo demais, escurece, fogo para menos, não dá firmeza. Sinto que, aqui, o indecível não cabe. Não é fogo para mais nem para menos: o fogo não se faz na fronteira do impossível, o fogo não anuncia o evento. O fogo, aqui, é aquele que acometeu várias peças incompletas ou danificadas. O fogo, aqui, é aquele que depende da lenha, da qualidade do dia – se chuvoso ou não – e, especialmente, do tempo imaterial que reside em cada artesã. O fogo é o mais traiçoeiro e fanfarrão de todos os elementos, ele crepita em risadinhas breves e distantes como se nos dissesse: “Relaxa!”

E, sem o fogo, não há o ponto final para aquela empreitada.

Oleamos, papeamos, e deixamos as peças descansarem para, enfim, irem para o fogo.



**Figura 4** – Peças queimadas.  
Fonte: Fotografia própria (2024).

## HOUVE O FOGO, MAS NÃO O PONTO FINAL

O que apresentamos nas páginas anteriores é uma narrativa que borra os limites entre a ficcionalidade e a realidade. Não há busca por certezas matemáticas. Caminhamos, entretanto, pelos caminhos da linguagem abertos na/até a casa de Terezinha.

As peças foram colocadas no fogo, queimaram, e assumiram suas cores provisórias. Temporárias porque, com o uso, sutil ou desordenado, assumem novos tons, assim como a prática do artesanato. Nessa teia, percebemos o jogo sendo compartilhado por diferentes atores, em diversas instâncias, mas todos compartilhando o mesmo *tempoespaço*: Terezinha, Giza, o marido de Terezinha, a sobrinha de Terezinha, eu, o barro, a água, o fogo.

As práticas sociais enquanto mimeses se organizam, se pormenorizam e seguem suas próprias narrativas enunciadas por seus praticantes que, à despeito de quaisquer disciplinarizações [matemáticas], seguem inserindo seus nomes no artesanato.

Entendemos currículos escolares de Matemática como produto de um plano uniformizador da modernidade e que silencia conhecimentos não-hegemônicos. Tereza, em seu *corpoterrítórioartesã* enquanto dimensão territorial mínima (Haesbaert, 2021), enquanto um “corpo nas práticas, um corpo que é submetido às práticas e que nelas se constitui.” (Almeida, 2018, p.56), nos diz de um aprender que pode inspirar currículos escolares outros, que encontrem relações com as práticas socioculturais de comunidades que até agora têm sido silenciadas em prol de manutenção de uma escola que se encontra ao serviço do projeto modernidade/colonialidade. Falamos aqui, assim, da prática de um *currículo artesã* de [M]atemática[s] como ação iterativa e, por isso, sujeito a reconfigurações.

Essa escrita, que trabalha no limite da impossibilidade, já é aporte de estranhamento e movimentações para aquilo que chamamos de (in)disciplinaridade ou um *currículo artesã*. Sim: currículo em masculino e artesã em feminino. Dadas as cenas performadas por Terezinha mobilizamos um currículo como uma prática social agenciada por grupos que joguem e sigam as regras do jogo de umas matemáticas (im)possíveis, indecidíveis no limite do aprisionamento e das adequações possíveis e esperadas por cada corpo. Um currículo motivado pelas práticas socioculturais, que não é aprisionado pelas normativas das políticas públicas e que se porta como resistência a qualquer forma de subalternização e apagamento de corpos marginais.

Apostamos, então, em um currículo artesã enquanto prática que dialogue, problematize e repercuta saberes não-hegemônicos. Um diálogo que possibilite um aprender fazendo do “como se”. Um aprender que parte de práticas, como a com o barro, e que não enrijece os saberes outros, assim como o fazem as formalizações do projeto modernidade/colonialidade. Um currículo, por fim, que não faz homogeneizar a ciência.

## REFERÊNCIAS

CONTINENTINO, Ana Maria. O luto impossível da desconstrução. *In*: DUQUE-ESTRADA, Paulo Cesar. Espectros de Derrida. Rio de Janeiro. NAU Editora. Ed. PUC-2008

DERRIDA, Jacques. O animal que logo sou (A seguir); São Paulo: Editora UNESP, 2002. Tradução: Fábio Landa, 92 p.

HAESBAERT, Rogério. Território e descolonialidade: sobre o giro (multi) territorial/de(s)colonial na América Latina. 1a ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia; Universidade Federal Fluminense, 2021.

MIGUEL, Antônio. Historiografia e Terapia na Cidade da linguagem de Wittgenstein. *Bolema*, Rio Claro, v.30, n.55. p.368-389, 2016.

MIGUEL, Antônio; VILELA, Denise; MOURA, Anna Regina Lanner de. Problematização indisciplinar de uma prática cultural numa perspectiva wittgensteiniana. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v.20, n2, p.06-31, jul./dez.2012

NASCIMENTO, Evando. *Derrida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2004.

OLIVA, Victoria Ferreira. DO CORPO-ESPAÇO AO CORPO-TERRITÓRIO: o que a Geografia Feminista tem a dizer?. *Revista Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 8, n. 17, pp. 165-187, jul. 2022.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

TAMAYO, Carolina. *Vení, vamos hamarcar el mundo, hasta que te asustes: uma terapia do desejo da escolarização moderna*. Tese de doutorado em educação. UNICAMP, Campinas, 2017.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *O recado da mata*. In: KOPENAWA, D., ALBERT, B. *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Schwarcz S.A., 2015

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Philosophische Untersuchungen*. Tradução de João José R. L. Almeida. Edição Bilingue Alemão-português. s/d. Disponível em: <Disponível em: <http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/textos/InvestigacoesFilosoficas-Original.pdf> >. Acesso em: 03 jun. 2020.

**Submetido:** 31/01/2026  
**Aprovado:** XX/XX/XXXX  
**Editor(a) de seção:**

## DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA



Critérios SciELO Brasil  
Formulário sobre Conformidade com a Ciência Aberta

Por meio deste formulário os autores informam o periódico sobre a conformidade do manuscrito às práticas de comunicação da Ciência Aberta.

### Preprints

Depósito do manuscrito em um servidor de preprints reconhecido pelo periódico.

O manuscrito é um preprint?	
<input checked="" type="checkbox"/>	Sim - Nome do servidor de Preprints: SciELO preprints DOI do Preprint:
<input type="checkbox"/>	Não (a partir de 15 de janeiro de 2020, só serão aceitas submissões previamente depositadas em preprint)

### Disponibilidade dos Dados da Pesquisa e outros Materiais

Os autores são encorajados a disponibilizar todos os conteúdos (dados, códigos de programa e outros materiais) subjacentes ao texto do manuscrito, anteriormente ou no momento da publicação. Exceções são permitidas em casos de questões legais e éticas. O objetivo é facilitar a avaliação do manuscrito e, se aprovado, contribuir para a preservação e reuso dos conteúdos e a reprodutibilidade das pesquisas. Para isso, informe a alternativa que corresponde ao manuscrito referente.

Os conteúdos subjacentes ao texto do manuscrito já estão disponíveis em sua totalidade e sem restrições ou assim estarão no momento da publicação?	
Sim <input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão contidos no manuscrito <input type="checkbox"/> os conteúdos estarão disponíveis no momento da publicação do artigo <input type="checkbox"/> os conteúdos já estão disponíveis. Segue títulos e respectivas URLs, números de acesso ou DOIs dos arquivos dos conteúdos subjacentes ao texto do artigo (use uma linha para cada dado): _____
Não <input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> os dados estarão disponíveis sob demanda dos pareceristas <input type="checkbox"/> após a publicação, os dados estarão disponíveis sob demanda aos autores – condição justificada no manuscrito <input type="checkbox"/> os dados não podem ser disponibilizados publicamente. Justifique a seguir:

### Aberturas na avaliação por pares

Os autores poderão optar por um ou mais meios de abertura do processo de *peer review* oferecidos pelo periódico.

Quando oferecida a opção, os autores concordam com a publicação dos pareceres da avaliação de aprovação do manuscrito?	
<input checked="" type="checkbox"/>	Sim
<input type="checkbox"/>	Não

Quando oferecida a opção, os autores concordam em interagir diretamente com pareceristas responsáveis pela avaliação do manuscrito?	
---	--

<input checked="" type="checkbox"/>	Sim
-------------------------------------	-----

<input type="checkbox"/>	Não
--------------------------	-----

### **CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA**

Autor 1 – Pesquisa de campo, metodologia, escrita.

Autor 2 – Revisão da escrita e edição.

### **DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE**

Os autores declaram não possuir conflitos de interesse de ordem pessoal, comercial, acadêmica, política ou financeira que possam ter influenciado o conteúdo deste manuscrito.

## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.